

DOIS AMORES: AS TRÍBADES DA ROMA ANTIGA

Júlia França Sales Vieira¹
Maria Eduarda Alves Ranuci²
Mônica Selvatici³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre as *Tribades*, nomenclatura utilizada durante a Roma Antiga para designar relações amorosas entre mulheres no Império Romano, com o intuito de mostrar a forma como as relações homoeróticas femininas eram interpretadas, assim como também as diferenças de seu tratamento pela sociedade em comparação com as relações homoeróticas masculinas. Para tanto, será utilizada como referência a obra *Amores*, de Luciano de Samósata, cuja história, contemporânea do período estudado neste trabalho, retrata as ideias e costumes da época em relação ao assunto, o que nos ajudará em nossas conclusões.

PALAVRAS-CHAVE: Tribades. Homossexualidade feminina. Roma Antiga.

AMORES: THE TRIBADES OF ANCIENT ROME

ABSTRACT: This work aims to bring a study on the Tribades, a nomenclature used during Ancient Rome to designate loving relationships between women in the Roman Empire, with the aim of presenting the way in which female homoerotic relationships were interpreted, as well as the differences in its treatment by society in comparison with male homoerotic relationships. To this end, the work *Amores*, by Luciano de Samósata, will be used as a reference, whose story, contemporary with the period studied in this work, portrays the ideas and customs of the time in relation to the subject, which will help us in our conclusions.

KEYWORDS: Tribades. Female homosexuality. Ancient Rome.

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual de Londrina.

² Graduanda em História pela Universidade Estadual de Londrina.

³ Professora Associada de História Antiga e Medieval e orientadora do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade feminina é um tema que por muito tempo se manteve nas sombras na historiografia, não apenas por ser referente a um conteúdo feminino, mas por a homossexualidade ser um assunto que foi evitado nos meios acadêmicos até metade do século XX, pois era visto de forma discriminatória e ilegítima. Dessa forma, há poucos trabalhos e fontes sobre a temática até este período, como é explicado pelo historiador Pierre Albertin:

Até bem recentemente, a homossexualidade não era tida pelos historiadores como um assunto legítimo [...] alguém que se arriscasse a se interessar com muita profundidade a este *corpus* documental, temia ser suspeito de simpatias duvidosas, como se procurasse no comportamento dos gregos uma justificativa para a suspensão das proibições no tocante aos homossexuais presentes na Europa da primeira metade do século XX (ALBERTINI, 2003, p. 215).

Por conseguinte, a homossexualidade foi um tema que se constituiu tardiamente na historiografia. Na História Antiga, afirma Albertin, os estudos sobre o assunto iniciaram principalmente no contexto dos estudos greco-romanos, contudo foram abordados de forma pejorativa e homofóbica.

No entanto, com a chegada dos movimentos sociais entre as décadas de 1960 e 1970, que lutaram pelos direitos e contra preconceitos em relação às minorias sociais, como o movimento feminista, dos negros e dos primórdios da comunidade LGBTQIA+, e com a publicação da obra do filósofo Michel Foucault, em 1976, *A História da Sexualidade*, vemos a influência desses acontecimentos no meio da historiografia. A partir desse momento, com os avanços da chamada História Cultural, que busca trazer seus estudos baseados na cultura popular, assim como também na mistura

entre Antropologia e a História, temos a quebra dessa barreira negativa em cima dos estudos sobre a homossexualidade.

Portanto, influenciados pelos recentes estudos e pelo contexto social, novos trabalhos sobre o assunto foram surgindo, entre eles temos o precursor do estudo sobre sexualidade, que vai ser a primeira obra que tratou inteiramente sobre a homossexualidade no âmbito da antiguidade, *Greek Homosexuality*, de Kenneth J. Dover, de 1978. O interessante da obra de Dover é que o autor não tratou apenas da homossexualidade masculina, mas deu luz ao assunto que não apenas na ciência, mas também socialmente, é invisibilizado, que é a homossexualidade feminina, como também destacado pelo autor:

O fato de que a homossexualidade feminina e a atitude das mulheres com relação à homossexualidade masculina possam ambas serem discutidas em uma parte de um capítulo, reflete a escassez de escritoras e de artistas no mundo grego, assim como o silêncio quase total dos escritores e dos artistas sobre o assunto (DOVER, 1994, p. 171).

Assim como na contemporaneidade, a homossexualidade feminina carece de fontes históricas, principalmente referentes à temporalidade escolhida neste trabalho, que é a Roma Antiga. Nos trabalhos da historiadora Sandra Boehringer, a autora analisa essa questão e afirma que, apesar de as relações homoeróticas serem uma prática presente nas sociedades Greco-Romanas, as relações amorosas entre mulheres, em comparação com as outras manifestações amorosas, são silenciadas pela sociedade.

A presença da homossexualidade feminina na sociedade romana vai ser demarcada pela presença da figura de Safo, uma grande poetisa da ilha de Lesbos na Grécia, que também foi líder de um coral feminino, no qual

ensinava poesia, dança e artes para suas alunas, e que ficou conhecida pelo mito das dúvidas sobre sua sexualidade. Assim, surgem discursos sobre as relações entre mulheres e a sua persona, sendo referidas as suas relações em textos da antiguidade como *tribades*. De acordo com Boehringer, no começo do século I a.C. aparecerá um termo latino para designar a prática sexual entre mulheres: *tribas*; no entanto, quando utilizado, é perceptível, no contexto de suas fontes, que o termo é usado de forma a retratar a prática como desviante, que fere as normas sociais.

Apesar da carência de fontes, a perspectiva da existência dessa prática não foi apagada, permanecendo presente, ainda que em pequena quantidade, em narrativas, afrescos e contos da antiguidade. Um exemplo disso é a obra *Amores*, de Luciano de Samósata, cuja data clara de publicação não é conhecida; acredita-se que Luciano tenha alcançado seu apogeu literário durante o reinado do imperador Marco Aurélio. Em um trecho específico de sua obra, o autor menciona as *tribades* e de forma satírica retrata a visão de seus conterrâneos em relação a essas mulheres e suas práticas amorosas, aspectos que serão analisados neste trabalho.

SOBRE O AUTOR

Luciano nasceu na capital do antigo reino de Comagena, na cidade de Samósata, província romana da Síria, por volta do ano 125. De origem humilde e estudioso, Luciano foi pupilo de seu tio e aprendeu a arte da escultura; dedicou-se a aprender sobre retórica e se tornou advogado.

Possuía grande interesse em viagens, o que ajudava a inspirar suas prosas; visitou diversas terras, como a Grécia, Macedônia, Itália, Gália, até que se fixou em Alexandria, no Egito, onde exerceu um importante cargo público na prefeitura.

As poucas informações a seu respeito, em sua grande maioria, provêm de seus próprios escritos. Ficou conhecido como um grande prosador, que teve seu apogeu literário na segunda metade do século II d.C.; escreveu durante 40 anos cerca de 80 obras, sendo o conjunto de suas obras conhecido como “Coleção Luciânica”, composta de declamações, panfletos, escritos didáticos, romances, poesias, mas seu talento foi mais notório com os diálogos satíricos. Tornou-se famoso com sátiras nas quais criticava a sociedade romana, seus costumes e sua filosofia; seus trabalhos se transformaram em inspiração para escritores que viveram muito depois dele, como Machado de Assis e Voltaire. Entre suas famosas prosas sátiras, está o objeto desse estudo: a obra *Amores*.

[DOIS] AMORES

Nessa prosa satírica, Luciano apresenta a história por meio de uma conversa entre dois personagens, Licino e Teomnesto, que dialogam sobre o tipo de relação amorosa que seria mais correto: uma relação entre um homem e uma mulher ou a de um homem com um menino (meninos jovens). Para chegarem a uma conclusão sobre o assunto, Licino relata a Teomnesto uma discussão que ele presenciara entre Cáricles e Calicrátidas, que possuem opiniões fortes sobre o tema.

Cáricles é um jovem belo, que se arrumava para agradar as mulheres, era fiel a sua ideologia de que a relação amorosa correta seria entre homens e mulheres, trazendo argumentos de como seria essa a relação abençoada pelos deuses, que permite a perpetuação da espécie humana. Ele condenava as práticas homoeróticas masculinas, por meio do repúdio às práticas homoeróticas femininas, ou seja, acreditava que aceitar as relações entre homens levaria as mulheres a sentirem-se no direito de relacionarem-se entre si, e isso era condenável.

Divergente das ideias de Cáricles, Calicrátidas, um homem que era afeiçoado a relações com rapazinhos e que repudiava o sexo feminino, rebate o colega alegando as maravilhas e gozos na relação homoafetiva masculina e endossa seus argumentos aos depreciar o sexo feminino.

No fim da prosa, nenhum dos dois diálogos chega a uma resposta em consenso; então, a partir dessa dúvida entre os dois únicos tipos de amores considerados na obra como dignos, tradutores modernos mudam o título da obra para [Dois] Amores.

A SEXUALIDADE ROMANA

Primeiramente, antes de analisarmos a obra, é necessário um entendimento sobre como era compreendida a sexualidade no período romano. O termo *sexualidade* surgiria apenas no início do século XIX, assim como outros termos ainda posteriormente, como *lesbianidade*, *homossexualidade*, *bissexualidade*; são, dessa forma, conceitos ignorantes aos povos romanos antigos, apesar de as práticas estarem presentes em suas realidades.

Portanto, a concepção de *sexualidade* atual é distinta do conhecimento e entendimento dela para a Antiguidade romana, como afirma Boehringer:

Na Antiguidade greco-romana, não existe equivalente algum à noção moderna de sexualidade. No sentido que nós a entendemos atualmente, a sexualidade designa as práticas sexuais reais, mas também os desejos não concretizados, [...] a totalidade do percurso sexual de uma pessoa. A sexualidade contemporânea é parte constitutiva da identidade psicológica de um indivíduo. Na Antiguidade, um indivíduo não tem sexualidade, ele exerce algumas práticas (BOEHRINGER, 2007, p. 29).

Por conseguinte, na Roma Antiga a sexualidade do indivíduo não era uma característica do ser, não fazia parte da sua constituição como indivíduo ou seu autoconhecimento; suas relações sexuais eram compreendidas apenas como uma prática, satisfação de seus desejos e uma prática nas suas relações sociais. “Na Grécia e em Roma, não ‘somos’ sexualmente, mas ‘fazemos’ sexualmente”, afirma Boehringer (2007, p. 29).

Em relação à homossexualidade, a sociedade romana compartilhava de uma ideologia que exaltava a masculinidade, a virilidade, um culto ao falo e ao *status* social. Desse modo, o gênero do parceiro sexual não era algo relevante para a prática, e sim a sua posição durante o ato. Um cidadão romano deveria estar sempre no controle, sendo o ativo durante a relação, demarcando, assim, a sua virilidade. A passividade era uma condição totalmente condenável para a moral romana, como pode ser observada a partir da frase do filósofo Sêneca: “A passividade é crime para os livres, fatalidade para o servo e obrigação para o liberto” (SÊNeca *apud* FEITOSA, 2008, p. 132).

O PAPEL DAS MULHERES

A questão da presença das mulheres na Antiguidade gerou diversas discussões na contemporaneidade. Como se dava a relação entre as mulheres na época? E entre as mulheres e os homens? Onde exatamente a mulher se localizava na sociedade? Como podemos comprovar a presença das mulheres, presença essa que se refere ao espaço político-social, na Antiguidade? E as relações afetivas como se davam?

Podemos aqui levantar diversos debates sobre onde se localizava a mulher na Antiguidade, contudo nos voltaremos para a última questão: como se davam as relações afetivas, amorosas, sexuais, que envolviam a mulher? Como podemos localizá-la na Antiguidade, tendo em mente que por muito

tempo os estudos em relação à mulher e seus hábitos não foram buscados por conta da misoginia ou pela simples banalização do tema?

Como colocado por Lourdes Conde Feitosa (2008), no seu texto “Gênero e Sexualidade no Mundo Romano: A Antiguidade em Nossos Dias”, não se buscava entender e analisar o olhar feminino na História, pois a ideia de “História” sempre se atrelava a perspectivas políticas ou de guerra:

Até os anos 1960, grande parte da historiografia, e de maneira geral a que tratava da Antiguidade, pouca atenção destinou a elas, já que a preocupação corrente era com as cenas de guerras e disputas políticas. As exceções davam-se em alguns estudos relacionados às mulheres célebres, como, por exemplo, as histórias de Messalina, de Cleópatra, de Livia ou Penélope, cujo interesse estava na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham (FEITOSA, 2008, p. 124).

Por conseguinte, Feitosa (2008) nos mostra como, com o aumento das discussões feministas e da reelaboração do modo de se fazer as Ciências Humanas, passou-se a dispor de mais teorias voltadas à mulher e à sua vida cotidiana, nos diferentes recortes temporais, dentre eles também a Antiguidade.

Então, a presença da mulher na Antiguidade passou a ser observada por meio de vestígios, como grafites, gastos financeiros, identificação pelo nome da família, documentação material, cartazes de propaganda eleitoral (nos quais apenas emitiam suas opiniões e criavam debates, já que não podiam, legalmente, participar de qualquer tipo de eleição), entre outros.

No que se refere às relações afetivas das mulheres na Antiguidade, pode-se afirmar que eram, como todos os tipos de relacionamentos amorosos da época, firmemente atreladas às ideias de “ativo” e “passivo”.

AS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS FEMININAS

O feminino, na maioria das vezes, é visto como algo peculiar, como um ponto fora da curva, uma coisa a ser analisada e dissecada, ou simplesmente desprezada. Portadoras e causadoras do pecado original, que levou à expulsão da humanidade do Paraíso, segundo o mito do Gênesis; inferiores dentre todas as espécies, inclusive a humana, segundo Aristóteles; incompletas, como nos apresenta a Teoria do Complexo de Castração, realizada por Freud. Enfim, no geral inoportunas, insignificantes, sem virtudes, devassas, escória; é essa a visão que se construiu sobre o feminino, a mulher e tudo o que a engloba.

Tal visão negativa que, quando não subjuga, objetifica foi intensificada com o Iluminismo e a invenção do “homem universal” – e é de suma importância que seja frisada aqui a ideia de “invenção” –, e permaneceu predominante até, segundo Almeida (2018), em seu livro *O que é o racismo estrutural?*, o conceito de raça que surge após a Revolução Haitiana:

Com a Revolução Haitiana tornou-se evidente que o projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens iguais e sequer faria com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos. Isso explicaria por que a civilização não pode por todos ser partilhada. Os mesmos franceses que aplaudiram a Revolução Francesa, viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo, e impuseram toda a sorte de empecilhos para a ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar (ALMEIDA, 2018, p. 22).

E mais à frente:

Ora, é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade

da razão e do legado iluminista, o ciclo de morte e destruição do colonialismo e na escravidão possam operar simultaneamente como os fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea (ALMEIDA, 2018, p. 22).

Já a contestação dos papéis atribuídos a cada gênero vem, de acordo com Funari (2010), surgir com força apenas nos fins da década de 1940, em muito por conta do renovado interesse, e mais do que interesse, necessidade, em celebrar a diversidade no pós-guerra. Além da emersão das mulheres como sujeitos e, como o autor coloca, “grupos étnicos antes discriminados” (FUNARI, 2010, p. 13), também surgem nas décadas seguintes, com renovada força, as reivindicações de expressão de diferentes sexualidades.

Um importante autor no que diz respeito à sexualidade é o francês Michel Foucault, que escreveu diversos volumes intitulados *A História da Sexualidade*, nos quais trata de aspectos como a repressão da sexualidade, as diferentes formas de expressar a sexualidade, a sexualidade e o poder etc.

No início do quarto capítulo do segundo volume dessa obra, intitulado “Erótica”, Foucault introduz uma discussão sobre a homossexualidade na Antiguidade, mais especificamente a pederastia, e a heterossexualidade, especificando como tais tipos de relações não eram excludentes entre si, apesar de que para cada tipo de relação havia diferentes regras e discussões que as cercavam. São levantadas questões como a moralidade das relações homossexuais na Antiguidade, a ideia de “belo”, as diferenças da mentalidade da época para a mentalidade contemporânea ao autor, a ideia de “passivo” e “ativo”, e mais.

Porém, no que toca à homossexualidade feminina, não há nenhuma menção no capítulo, o que nos leva a observar que o discurso que envolve a sexualidade na Antiguidade mantém-se focado no homem – e percebe-se

isso não apenas por conta da falta de discussão sobre a relação amorosa entre duas mulheres por parte de Foucault e outros autores, mas também porque, quando se discute até mesmo a homossexualidade na Antiguidade, tal discussão é voltada para o homem, e não para a mulher; é possível notar isso, por exemplo, na obra *Política*, do filósofo grego do século IV a.C., Aristóteles (2001).

AS PRÁTICAS HOMOERÓTICAS FEMININAS NA OBRA *AMORES*, DE LUCIANO DE SAMÓSOTA

As relações homoafetivas femininas na Antiguidade são, portanto, ofuscadas pelas masculinas, e o debate e discurso no campo permanecem voltados para as relações, modos de se portar e de pensar masculinos – e isso nos leva a questionar: por que os relacionamentos sáficos da Antiguidade não são postos à luz?

Tal questão nos leva à obra intitulada *Amores*, cujo autor é Luciano de Samósota. Relembremos aqui que tal obra trata de uma conversa entre dois amigos: Licino e Teomnesto, em que Teomnesto busca Licino para que este o ajude a resolver uma encruzilhada mental na qual se encontra, que se trata da indecisão entre se apegar aos amores que sente a parceiras do sexo oposto ou aos do seu próprio.

Assim, tendo sido designado a bancar o papel de “juiz imparcial”, como põe o autor, Licino segue a contar a história de uma situação semelhante que passara com dois outros amigos, Calicrátidas e Cáricles, em que o primeiro pendia à homossexualidade, mais especificamente à pederastia⁴,

⁴ É importante frisar que, para os parâmetros da atualidade, a homossexualidade em si, os indivíduos e os relacionamentos homossexuais nada têm relação com a pederastia, porém na Antiguidade esses conceitos, o de homossexualidade e pederastia, estavam ligados tanto por leis quanto pelo reconhecimento da sociedade. Veja-se “É a Homossexualidade Eterna? Uma

e o segundo à heterossexualidade, e ambos discutiam sobre qual forma de amor era a mais prazerosa, mais virtuosa, ou seja, acima de tudo, buscavam decidir qual era a melhor.

Ao passarem grande parte da viagem que faziam juntos debatendo sobre o assunto, tal como Teomnesto, suplicaram que Licino se fizesse juiz da discussão e então, com o aceite dele, se puseram a argumentar e defender seus devidos pontos de vista. É dessa argumentação que surge a seguinte consideração feita por Cáricles, o primeiro a expor seu modo de ver:

Portanto, se uma mulher também é susceptível de vos satisfazer, nós, homens, devemos abster-nos de ter relações uns com os outros; se, porém, as relações de machos com machos são consideradas decentes, que também as mulheres, de hoje em diante, se amem umas às outras. Vamos, pois, ó homem da nova geração e legislador de estranhos prazeres, depois de teres imaginado novos caminhos para as volúpias do macho, reconhece às mulheres a mesma faculdade, e que elas tenham relações umas com as outras, tal como os homens! Que elas, depois de fixarem no baixo ventre um órgão postiço de devassidão, esse monstruoso instrumento desprovido de semente, se deem, mulher com mulher, como faz o homem. Então, que essa palavra, que raramente chega aos nossos ouvidos, palavra referida à obscenidade das tríades – sinto pudor só de pronunciá-la – triunfe por completo; que todos os nossos gineceus sejam como o de Filénide, que se desonram com relações sexuais andróginas. Mesmo assim, quanto melhor não seria que uma mulher forçasse a sua luxúria fazendo de macho, do que a nobre raça dos homens efeminar-se, fazendo de mulher! (SAMÓSATA, 2012, p. 162).

Genealogia a Partir de Michel Foucault e David Halperin” (FUJIKAWA, 2019).

Podemos perceber diversas questões a partir dessa fala, sendo a mais óbvia a tamanha inimizade com que Cáricles se refere às relações homoafetivas femininas, usando palavras como *devassidão* e *obscenidades* para descrever as relações amorosas entre as mulheres. Em sua fala também é utilizada a palavra *tribades*, que, como dito por Nicole Speth em seu texto “Female Homoeroticism in the Roman Empire: How Many Licks Does It Take to Get to the Disruption of a Phallogocentric Model of Sexuality?”, era na Antiguidade um termo ofensivo para se referir a mulheres lésbicas e que, segundo Speth (2015, p. 3), “it is clear from all extant sources that the term *tribas* is used nearly universally with derision and contempt”⁵.

Também podemos pontuar que a relação sexual entre as mulheres era vista a partir de uma perspectiva falocêntrica, no momento em que, para retratar a homossexualidade feminina, Cáricles descreve o ato sexual como a fixação de um órgão postíço nas partes íntimas, o “monstruoso instrumento desprovido de semente”, ou seja, um falso falo.

Outra coisa que se pode perceber é a repreensão absoluta que se tinha de homens que assumiam o papel passivo na relação sexual, o que era visto como algo desonroso e “indecente”, tal como exposto por Feitosa (2008), e que é facilmente lido na última frase da fala de Cáricles: “Mesmo assim, quanto melhor não seria que uma mulher forçasse a sua luxúria fazendo de macho, do que a nobre raça dos homens efeminar-se, fazendo mulher!” (SAMÓATA, 2012, p. 162, grifos nossos).

Voltando para o diálogo que acontece na obra, é a vez de Calicrátidas se fazer entender; em toda a sua fala, na qual muito ridiculariza os hábitos das mulheres de seu tempo, a única vez que toca no ponto levantado por

⁵ “[...] é claro de acordo com todas as fontes existentes que o termo *tribade* é usado quase que universalmente com escárnio e desprezo” (Tradução livre).

Cáricles em relação às tríbades é quando brevemente inicia uma frase com as seguintes palavras: “Portanto, Cáricles, não nos venhas para cá com histórias de cortesãs de vida depravada [...]” (SAMÓSATA, 2012, p. 167).

Assim, não novamente mencionadas até o fim da obra, nem mesmo na fala de Licino em seu parecer final, tão rapidamente quanto foi posta à luz, com a mesma rapidez se foi levada à escuridão a questão da homossexualidade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos aqui uma discussão sobre a presença da homossexualidade na Antiguidade, especificamente a homossexualidade feminina, e como essa presença por muito tempo foi apagada e excluída dos estudos acadêmicos.

Com base na obra de Luciano de Samósata intitulada *Amores*, pudemos dar uma breve espiada na mentalidade romana antiga a respeito das práticas homoeróticas femininas e como eram retratadas.

Além disso, levantamos questões como a misoginia enraizada nos estudos históricos, a herança duradoura iluminista, que é a ideia do “homem universal”, a demonização das relações sáficas, o modo como as relações na antiguidade eram muito atreladas aos conceitos de “passivo” e “ativo”, entre outras.

Podemos, assim, concluir que os estudos sobre o feminino na antiguidade, apesar de terem sido aprofundados nas décadas seguintes ao final dos anos de 1940, no pós-guerra, por conta das heranças político-sociais recebidas da Segunda Guerra Mundial, não englobam com firmeza a questão da homossexualidade feminina, o que é algo que por si só serve para repensarmos como retratamos o feminino e o sáfico no meio histórico: trabalhamos ativamente para suprir os vácuos de falta de atenção no que se relaciona com a mulher ou meramente reproduzimos nossa incapacidade anterior?

REFERÊNCIAS

- ALBERTINI, Pierre. Histoire. In: TIN, Louis-Georges (dir.). *Dictionnaire de l'homophobie*. Paris: PUF, 2003. p. 215-218.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. *O Que é Racismo Estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARISTÓTELES. *Política*. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BOEHRINGER, Sandra. *L'Homosexualité féminine dans l'Antiquité grecque et romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 2007.
- DOVER, Kenneth J. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FEITOSA, Lourdes C. Gênero e sexualidade no mundo romano: A Antiguidade em Nossos Dias. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, [1976] 1984.
- FUJIKAWA, Mariana. É a Homossexualidade Eterna? Uma Genealogia a Partir de Michel Foucault e David Halperin. *Revista Eletrônica Discente História*, v. 6, n. 12, p. 56-66, 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/1388>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Identidades fluídas. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; COLLINS, John J. (org.). *Identidades fluídas no Judaísmo antigo e no Cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010. p. 11-14.

RIBEIRO JR., Benedito Inácio. O Homoerotismo no Satyricon: Repensando a(s) Masculinidade(s) em Roma (54-68 d. C.). In: ANPUH-SP - ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 21., 3-6 set. 2012, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: ANPUH, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1343913489_ARQUIVO_OhomoerotismoSatyricon.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

SAMÓSATA, Luciano de. [Dois] Amores. In: *Luciano [II]*. Tradução do grego, introdução e notas de Custodio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/9727>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SPETH, Nicole. *Female Homoeroticism in the Roman Empire: How Many Licks Does it Take to Get to the Disruption of the Phallocentric Model of Sexuality?* 2015. Disponível em: https://www.hofstra.edu/pdf/library/nicole_speth.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.